

ANNO 2 Nº 60

PREÇO 400 Rs

P952



RUA INOVA



A MENTIRA DA MODA...

AJAX-SIX

O Automovel de linhas impecaveis e aristocraticas

PREÇO RS. 11:000.000

VENDAS A PRESTAÇÕES

Cis. Commercial e Maritima — Rua Bom Jesus 240

Rossbach Brasil

Company

NEW-YORK — PERNAMBUCO — BAHIA —
MACEIO' — PARAHYBA —
CEARA' — PIAUHY

EXPORTADORES

Pernambuco: — FABRICA DE OLEOS

OLEOS DE VERÃO E DE INVERNO, DE CAROÇO DE ALGODÃO

Rua Barão do Triumpho n. 466. — (Rua do Brum)

Caixa do Correio n. 109. — (Telephone n. 418)

End. Telegraphico — "ROSSBACH"

COMPRA: PELLAS DE CABRA,
CARNEIRO, VEADO, ETC., COUROS DE BOI
BORRACHA DE MANIÇOBA
MANGABEIRA ETC., CERA DE
CARNAU'BA, CAROÇOS DE
ALGODÃO

A Sorte quem dá
é Deus e
na loteria é a casa
MONTE DE OURO

Rua 1.º de Março, 90

Pinto de Almeida & Cia.

Av. Marquez de Olinda, 222—(1º andar)

Representações e conta propria

Madeiras do Pará e Amazonas

Stock permanente de artigos de electricidade, ferragens e madeiras

End. teleg ALMOTA - Teleph., 1907—Caixa Postal 285

Proprietarios de Ceramica Industrial do Cabo — PERNAMBUCO

*Fabrica de canos de barro para saneamento,
tijollos refractarios e material sanitario*

RECIFE

Pernambuco

CAIXA POPULAR

Séde: Fortaleza — CLUB DE SORTEIOS — Agencia em Recife
RUA NOVA 340 — 1.º

Autorisado e fiscalisado pelo Governo Federal

CARTA PATENTE N. 1

O unico que distribue mensalmente, em cada sorteio, os PREMIOS INTEGRAES ABAIXO

3	Premios de	5:000\$000	15:000\$000
5	„ „	2:000\$000	10:000\$000
5	„ „	1:000\$000	5:000\$000
50	„ „	200\$000	10:000\$000
120	„ „	50\$000	6:000\$000
500	„ „	8\$000	4:000\$000

TOTAL 50:000\$000

LIVRES DE IMPOSTOS OU DESCONTOS

UM SORTEIO POR MEZ, NOS DIAS 2o PELA LOTERIA FEDERAL
Reembolso de 5 em 5 annos!...

Mensalidade paga de uma só vez até o dia 1o .. 2\$000

Fabrica Zenith

DURÃES CARDOSO & CIA.

IMPORTADORES DE FARINHA DE TRIGO E ESTIVAS

Importadores de assucar, cereaes, e café

FABRICA:

ESCRITORIO:

34 — Rua João do Rego,

Iha dos Carvalhos, 52, 218 e 221

TELEPHONE 147 — TELEPHONE 343

Telegramma: ZENITH

Codigos: RIBEIRO e BORGES

QUA-NOVA

PROPRIEDADE E DIRECÇÃO DE OSWALDO SANTIAGO

PUBLICAÇÃO SEMANAL

GERENTE: Solon de Albuquerque

SECRETARIO: Renato Vieira de Mello

N.º 60

RECIFE, 26 DE JUNHO DE 1926

Anno 2

Interrogação

A Oswaldo Orico

Lento, do Firmamento pardacento
o Crepusculo descera e escrevera
um poema penumbrista no aposento.

E no quieto salão, meio-escuro e tristonho,
havia uma Mulher adormecida...
— Somno...
— Sonho...

Mas, de repente, alguém, penetrando o recinto,
calca um botão electrico
ao mesmo tempo em que a Mulher abria
os grandes olhos cor-do-céo, grandes e azues,
os olhos cheios de Alegria!...

— De onde nascera a luz?...

OSWALDO SANTIAGO

MI-
NHA
SOM-
BRA

Maria Sabi-
na de Al-
buquerque

"Orgulhosa mulher — disse-me, um dia, a Vida —
tua felicidade
offende o meu olhar porque não tem medida:
não é justo que alguém tenha tanta ventura.
Tú não tens ambições, não vives de vaidade,
a Glória não te encanta...
Que hei de tirar-te pois, senão o que preferes,
o milagroso amor que em tua senda obscura
arcos — triumphaes levanta,
e faz de tí a mais feliz de entre as mulheres?
Em troca deste amor que affronta a própria Vida
terás tres companheiras. Que mais queres?"

Ai! A Vida é cruel: mandou-me o Desespero
para me consolar de ter perdido o Amor.
Combati loucamente, destemida,
calcando a minha dor
contra o inimigo encarniçado e féro,
e arrogante
joguei-o como um trapo ou como um guante
em desafio á Vida!

Veio depois o Desalento
frio e lento
tornando o coração negra tapéra
onde fora um jardim de primavera
mas, finalmente erguida
expulsei-o tambem como um desprezo á Vida!

Mas a ultima veio, enfim: era a Saudade...
Com supplice humildade
"não me regeites, deixa-me contigo,
— implorou tristemente —
se não queres abrir o coração amigo
serei a tua escrava unicamente,
serei a tua sombra imprecisa, apagada,
não me regeites, deixa-me contigo!"

Apiedada,
"Fica!" disse-lhe então. Com movimentos lassos
ella estirou no solo o corpo lindo,
e á minha propria sombra uniu-se em tal abraço
que nunca mais abandonou meus passos!

O abandono nos vem de tudo quanto existe:
só a Sombra nos segue á Eternidade,
passo a passo...
Vede: não tenho culpa de ser triste,
minha Sombra... é a Saudade...



S. Ex.ª dr. Estácio Coimbra, futuro governador do Estado, que hoje lerá a sua plataforma, no "Santa Izabel"



DR. GASTÃO MARINHO

Anniversariou no dia de hontem o nosso illustre amigo dr. Gastão da Franca Marinho, estimado collecter federal no municipio de Palmares onde é prestigiosa influencia politica.

Figura das mais bemquistas da nossa melhor sociedade, mesce dos apreciaveis predicados de seu espirito, gosa do melhor conceito o distinguido anniversariante que teve, assim, hontem, oportunidade de aferir o elevado grão de estima em que é tido entre as numerosas pessoas de suas relações de amizade.

Ao dr. Gastão Marinho que nos honra com a sua collaboração, enviamos, embora tarde, os nossos votos de felicidades.

MADAME JUANITA MACHADO

Para Caruarú, onde vai em viagem de recreio, seguiu hontem madame Juanita Borrel Machado, brilhante escriptora, que empresta a "Rua Nova" os

fulgores de sua intelligencia.

Na pittoresca cidade sertaneja pretende madame Juanita Machado descansar por algum tempo e refazer energias.

Em viagem de recreio, encontra-se nesta capital, a passeio, chegada pelo horario de hontem, da Great Western, a sra. d. Euphrasia Cabral de Moura, decana das professoras de Timbaúba e directora do Grupo Escolar Municipal da mesma cidade.

A illustre viajante que sob o pseudonymo de Creusa, collabora em diversas revistas e jornaes, é genitora dos nossos amigos Abdias Cabral de Moura, administrador da Repartição de Publicações Officiaes e academico Socrates Solon Cabral de Moura, chronista desportivo da "Rua Nova".

Para a "Usina Serra Grande", seguiu, em dia da corrente semana, em goso de ferias, a senhorita Walkyria de Andrade Cabral, alumna da "Academia de Santa Gertrudes", e filha do sr. Didimo Ignacio Cabral, chefe da secção de electricidade da mesma usina e de sua digna esposa d. Virgilla de Andrade Cabral.

Acompanhou-a a senhorita Dagmar de Andrade Souza, filha do capitão Paulino Gomes de Souza e sua esposa d. Elvira de Andrade Cabral.

Em goso de ferias seguiu para Timbaúba, sexta-feira ultima, a senhorita Isnard Cabral de Moura, professoranda da "Academia de Santa Gertrudes", de Olinda e irmã dos nossos compa-

nheiros Abdias e Socrates Solon Cabral de Moura.

No mesmo automovel seguiram tambem as alumnas da Academia Antonia e Candida de Moraes, filhas do coronel Francisco Xavier de Moraes Coutinho, proprietario da engenho "Tres Poços", naquelle municipio.

CORONEL ANTONIO EUPHRASIO

Decorreu no dia 19 do corrente a data natalicia do sr. coronel Antonio Euphrasio, marchante e influencia politica no districto de Casa Amarella.

Festejando esse acontecimento s. s. offereceu recepção em sua residencia, comparecendo distinctas familias do arrabalde.

Por occasião do champagne usaram da palavra os srs. José Manoel, José da Motta Silveira, Claudio Silva, Mario Pereira, coronel Severino Costa e José Ferreira da Costa.

Ao anniversariante foi entregue um custoso mimo.

Após as saudações, improvisaram-se danças que se prolongaram até madrugada.

CASAMENTO

Realizou-se, no dia 24 do fluente, na residencia do sr. coronel Hemeterio Guedes Alcoforado, á avenida dr. José Rufino n. 633, em Areias, o enlace matrimonial da galante senhorinha Maria José Guedes Alcoforado com o sr. Oswaldo Guedes Alcoforado, despachante da Recebedoria do Estado.

O acto que se revestiu de certo brilhantismo, teve o comparecimento de diversos elementos de nossa alta sociedade.

Os nubentes que são pessoas de destaque em nosso meio social, foram residir em Tigipió.

Felicidades o novel par.

"GRITOS DO MEU SILENCIO"



Grupo apanhado pelas objectivas do "Fon Fon" e da "Revista da Semana", por occasião da festa realtzada no Rio, para declamação das poesias inclusas no livro "Gritos do meu Silencio", do poeta Oswaldo Santiago, director desta revista.

Na gravura se vê a festejada "disease", Mlle. Maria Sabina de Albuquerque, promotora do festival, acompanhada de suas talentosas alumnas, Mlles. Alice Heloisa Ricardo, Lasilha Luiz Carlos, Dulce e Alice Araújo, assim como de Oswaldo Santiago e do brilhante poeta Hermes Fontes, que fez a apresentação.

COLLABORAÇÃO ESPECIAL PARA "RUA NOVA"

Demos publicidade, no ultimo numero, a um inedito do brilhante poeta Bastos Portella, actual detentor dos louvores femininos da metropole, e na presente edição fazemos outro tan-

to com escriptos que nos foram cedidos pela gentileza de verdadeiros artistas da penna, como sejam Prado Kelly, Peregrino Junior, Murillo Araujo e Maria Sabina de Albuquerque, vultos de real evidencia no scenario intellectual carloca.

Esses trabalhos, que, decerto não de proporcionar nos nossos

leitores momentos de prazer piritual pouco commum, foram conseguidos pelo director desta revista durante a sua recente estadia no Rio.

No proximo numero continuaremos a inserir collaboração especial de litteratos daquelle adiantado centro.

HISTORIETA DE UMA TELA

Cruzavam-se no ar vapores, febricitantes de perfumes...

A musica tornava mais rapido o compasso num frenesi de loucura...

Dansavam...

Todos simultaneamente aproveitavam as convulsões da alegria allucinante.

...E na orgia de luz que jorrava do tecto, os sorrisos pareciam vermelhos nos labios entumescidos de rouge.

Meus olhos fatigados de observar as demencias dos ritmos... foram pousar avidos em uma esplendida tela que concorria como um dos muitos ornamentos d'aquelle luxuoso salão.

Sorri-me entre alegre e surprehendida.

Uma tenue exaltação punha-me nos olhos um olhar que não era o meu — um olhar curioso.

Puz-me a fita-a meticulosamente.

Envaidecia-me o temperamento consagrado do artista.

Alguem notando que toda a minha attenção recahia sobre o conjuncto romanesco do quadro adiantou-me:

—Representa uma historia entre dois corações.

E chegando-se á pintura:

—Está imagem femenina que aqui vês mollemente reclinada em um toscó banco, com toda a elegancia do seu esplendor foi a inspiradora deste trabalho de arte.

Conheci-a. Era uma victória de mocidade esplendendo em graças.

Seus olhos verdes tinham scintillações tão fulvas como têm as yagas quando as oscula o sol, e possuía um quente sorriso arlequinesco...

Uma alma aventureira sentiu todas as fibras da sua vontade arrastadas a doídice embriagadora d'aquelle biscuit moderno.

E por longo tempo viveu

LINHAS ESPARSAS TRANSFORMAÇÃO

São quatro linhas que escrevo na minha secção.

"Linhas esparsas"; linhas sem burifamento, pallidas, inestheticas, nascidas das illusões humanas.

Nos recantos monotonos da vida, carpindo o destino, esperando o futuro, entreabre-se um sorriso em parenthesis.

E' o sorriso meigo, affavel e carinhoso dos que me comprehendem a intenção.

Perscruto a humanidade, — tremulejam olhares satyricos, vaidosos, cheios de philauca e de orgulho.

Retórno, humilde, cambaleante, tropego pelo ridiculo das coisas.

Esvaira-se sombria perspectiva!

Alguem, porem, me segreda: caminha confiante em Deus!

Modula-se uma voz echonica!

Busco os livros, os sabios, aquelles que nos doutrinam as extremas jornadas do mundo.

E' Wagner pregando a energia moral...

Desperto para a luta!

Transformo-me em outro homem!...

Hamilton Ribeiro.

n'uma ebriez de somnambulismo amoroso...

"Idolatrrou-a com uma ancia de naufrago abraçando-se ao estilhaço de barco, para não afundar, para não morrer..."

Quando voltou a si da insania do pesadello que tem os que não sabem observar... já era o unico soberano daquelle coraçãozinho tão trivial...

Fôra terrivelmente trahido...

Sua sensibilidade demasiada foi o instrumento do seu supplicio.

E este quadro producto de demoradas sessões de "pose", em que elle todo carinho e vaidade julgara confirmar uma dupla



A interessante Bartholomina, filha dilecta de Arlindo Augusto Monteiro, commerciante em nossa praça e de sua virtuosa esposa d. Santina de Salles Monteiro, completou um anno de seu natalicio no dia 11 do corrente mez.



OSIRIS

Transflue no dia 29 do corrente, o anniversario natalicio da gentil petiza Osiris, filhinha do sr. José Ferreira Gomes, empregado na Repartição de Publicações Officiaes e de sua exma. consorte d. Oscarina Ferreira Leite.

gloria, me subsiste como recordação do Modelo.

O baile continuava... continuava... desenrolando-se em colleios desvairados, na poeira morna de todo esse arrastar de pés.

E em um dos angulos do salão uma alma masculina soffria... soffria... trazendo no sub-consciente da sua psyche uma historia de illusões desaparecidas...

Era o pintor do quadro...

Desviei os olhos suffocada de compaixão.

Alecyza Cunha

Palmeira, o agonizado

D'O Jornal, da Parahyba recortamos o artigo abaixo do brilhante jornalista Orris Fernandes Barbosa que durante algum tempo fez parte do corpo redaccional d'A Notícia.

A morte de Ayres Palmeira senti-a agudamente. Aquella agonizada apparencia do Palmeira quando de minha ultima estada em Recife, macilento, corrigindo provas, muito magrinho, me fez desconfiar que sua vida se ia desmanchando rapidamente como uma vela. Abracei-o mas por sentir-lhe a doença entre os meus braços que pela alegria de o ter visto novamente. Porque alegrava não me inspirava sua voz fraca, falseada numa rouquidão doentia. Entrestecia-me agudamente. O Palmeira, sem bigode, olhos amarellos, apresentava-se-me como uma figura esquisita de um divorciado da vida. Tremulo, receioso de não sei quê, já ia descrente de tudo, apalpando o rosto com um gesto cansado. Um gesto bem seu aquelle de passar a mão de dedos finos e curtos pelo rosto pallido como que a contar as rugas, tocando-as nervosamente. A risada sceptica era a mesma. Uma risada que se acostumara a ficar-lhe no rosto embora elle fosse triste. O Palmeira ria por qualquer frase de chiste. Elle completava o chiste apertando os olhos e mostrando os dentes deformes, numa risada. Ficava de pé, anecdoteando com aquella sua finura maliciosa. Depois cahia em si, passando os dedos finos e curtos pelo rosto como que a contar as rugas. Um gesto seu. E cada dia que o Palmeira vinha para A Notícia, seu aspecto era de um desalentado, fumando soffregamente, a trazer soprando com força. Ti-

rava o casaco lentamente como se aquillo o atormentasse. Depois tomava ar, batendo na barriga. Alevantava as mangas da camisa, deixando que dois braços fininhos se apresentassem cahidos. Sentava-se e começava a revêr provas. E ahí é que fumava quase com delirio—mudo, corrigindo, despercebido de qualquer conversa, rasgando papeis, comparando-os, e a rabiscar as provas. Quando terminava, silenciosamente fazia um copo de papel. Por quê? Palmeira ria. Enchia-o dagua. Mas por quê? O meu desventurado jornalista não sabia explicar se não de que assim era melhor. Isso puxava-lhe a vontade de palrar grandemente. Depois contava coisas de sua vida. Coisas literarias do Pará de dezeseite annos atrás. De Pernambuco do tempo do velho Dantas. Daquelle Pernambuco que já se foi com a sua democracia de passeatas e gyrandolias... Democracia de discursos de praça pu-

blica. O Ayres Palmeira revivia todos esses factos de muitos desconnexo romantismo na politica e no jornalismo e nos discursos. E falava de casos intimos, de farras, de suas dôres, de suas ansias de poeta. Porque antes de tudo Ayres Palmeira foi um poeta. Seu desencanto pela vida não era total talvez por saber embellezar sua alma com rythmos. Uma vez surpreendi-o fazendo um soneto, num album, traçando-o com rapidez assignando-o quase num borrao. Não tinha tempo para burilar—a revisão de quatro jornaes devorava-lhe o tempo. N'A Notícia, no Diario de Pernambuco, no Diario do Estado e numa gazeta catholica. Sua vida se ia desmanchando como uma vela, e a noticia de sua morte me veiu aos olhos em typo 8—tão modesta como elle proprio, que passou pela vida sorrindo com agonia...

Orris Fernandes Barbosa.

Olhos...

Para Solon de Albuquerque

Ella me disse um dia ingenuamente
—Os seus olhos são bellos.
Com franqueza meus Deus,
Ao fitar os seus olhos amarellos,
Eu disse voluptuosamente
—São mais bellos os seus.

Gomes de Moura.

1926.

SOLON DE ALBUQUERQUE

Afim de passar as ferias sanjuanescas em companhia de sua exma. familia, seguiu para Um-

buzeiro, em dia desta semana, o nosso distincto companheiro academico Solon de Albuquerque.

Tambem auxiliar de destaques do Diario do Estado, o nosso collega pertence á novissima geração intellectual de Pernambuco.

Tendo em preparo Minimas, livro de flagrantés sociaes, podemos affirmar será o mesmo concluido por esses dias, devendo á sua volta ser entregue a uma officina editora desta cidade.

Assim, Minimas, ainda este anno será publicado para um grande successo.

Rua Nova faz votos de boa viagem.

Assombramento

A Lucilo Varejão

Dentro da noite soturna, um grito agonico varou o silencio.

Chico Piranha estacou, coraçãõ vascolejante, num arrepio de pavor.

Estava em meio a picada que desembocava na barraca da Rosinha.

Mas refez-se do susto. Arrancou o punhal da bainha e empalmou-o.

Rosinha esperava-o, entre ansiosa e tremula, represando arfejos, estrangulando suspiros.

Haviam aprasado para essa noite o encontro furtivo, adiado de lua a lua.

E estugando os passos, Chico Piranha rompeu a estreita passagem e chegou ao terreiro da barraca.

Estava deante das janelas da Rosinha.

A noite, de escurentada e azlada, fundia em massa betuminosa as arvores de entorno.

Chico Piranha agachou-se e rastejou até a porta que vedava aos o'hos, a creatura que elle buscava.

Rosinha, ouvidos alertados, percebeu o rumor. Approximouse. Arrulhou o nome delle. E de manso, obtida a resposta, saiu para a noite.

Chico Piranha reconheceu-a mais pelo aroma a baunilha que pelo vulto.

Rosinha era um mimo. Typo commum de cabocla, quasi linda na sua rustica bonitesa.

Chico Piranha enlaçou-a. No coração da nete alta, da côr dos cabellos da Rosinha, plangeu um violão maguado.

Ambos prestaram ouvidos.

E a modinha, a dolencia dos bordões, fel-os se estreitarem mais.

Chico Piranha, tendo Rosi-

nha aninhada no peito largo, arquejava em desejos selvagens.

Elia, na sua volupia assustadica, dava em plena offerenda o seu corpo moreno.

—Já vou, Rosinha,—sophou-lhe ao ouvido Chico Piranha.

Rosinha calou, labios presos, sem um balbucio.

E quando o Chico já se embrenhava novamente na treva, Rosinha teve um secreto sentimento. Sem saber porque, sentia que alguma coisa ruim havia de acontecer áquelle homem. E entrou, mais cautelosa ainda.

Chico Piranha contava pelos dedos os seus amores.

Na feira, nenhum como elle, sabia olhar para as moças solteiras.

Por isso vencera a Rosinha. Valente-Homem para meia duzia de cabrochas mazombas,—como dizia, mulher que pretendesse outro qualquer não queria.

E nessa noite, enquanto esquentava o corpo na venda, pronunciara o nome da Rosinha Morena.

Golou a derradeira pinga e retirou-se. Duas sombras o acompanharam. E atalhando aqui, dirigiu-se para as bandas onde morava Rosinha.

As duas sombras comprehendaram tudo. O camarada ia fazer mais uma victima, nas suas conquistas amorosas.

E acoltaram-se na matta, soltando o grito dilacerante que estarrecera Chico Piranha.

Mas o cabra não temia as-

sombromentos, para desistir da empreza.

Seguido em frente, embora impressionado com aquella praga. As duas sombras esperaram que o destemido voltasse.

Retornava Chico Piranha, tendo deixado mais uma rapariga perdida.

Ao chegar á picada onde antes escutara o mortal appello, não pôde dominar os nervos. Olhou em volta, sobresaltado.

Neste instante repetiu-se a mesma supplica desvairada, num accento medonho, de estrangulado.

As duas sombras errantes siaram do abysmo da noite e investiram para Chico Piranha.

Elle esperou, cabellos ericados, um suor frio pela espinha. Procurava luctar contra o medo. Sacou do punhal e deu um passo para os phantasmas. As duas sombras repetiram o grito apavorante e a arma cahiu-lhe das mãos crispadas.

Chico Piranha soltou uma gargalhada de louco e despençou em desvillada.

Ao chegar á villa, pôz-se a dizer incoherencias de espirito mal-assombrado.

E agora, nos dias de feira, elle apparece. Num trebelhar de dentes, covarde e amedrontado, procura fugir de invisiveis almas penadas, que diz ter encontrado, numa noite sem estrellas, na picada maldita que varava até a casa da Rosinha Moreno...

Carmen Dora concede uma entrevista à "Rua Nova"

O QUE NOS DISSE A ENÇANTADORA

"ÉTOILE" DA "COMPANHIA

VICENTE CELESTINO"



Carmen Dora, incontestavelmente, é a figura feminina de mais realce no elenco da harmoniosa companhia de operetas que tem o seu "pivot" no magnífico artista que é Vicente Celestino.

Nada mais natural, portanto, que a sympathia verdadeiramente excepcional que lhe dispensa o publico pernambucano, em cujo seio ella conta um numero illimitado de admiradores.

Foi attendendo a essas circumstancias que "Rua Nova" procurou, ante-hontem, no seu camarim do "Theatro do Parque", a querida tiple, que recebeu o nosso representante com uma fidalguia desvanecedora.

Começámos por indagar-lhe quando havia iniciado a sua carreira theatral, ao que ella nos respondeu:

— Há seis annos, pouco mais ou menos. Estreei no Rio, no "Theatro Recreio", e fui de um "descamento" unico, pois comecei fazendo o papel principal da opereta "Rosa Esquecida", de Luiz Quesada.

O publico foi tão generoso para commigo, que me animei a proseguir na vida de palco.

— Qual o genero theatral que prefere?

— A opereta. É a formula mais interessante e graciosa.

— Em quantas companhias de operetas tem figurado até hoje?

— Tres, apenas: a primeira foi a "Companhia Miranda", a segunda a "Companhia Gonçalves" e a terceira e ultima a que actualmente trabalho.

— E o nome que usa no theatro é o mesmo que usava antes de entrar para elle?

— E'. E faço questão de esclarecer que

Carmem Dora, alem de ser Carmem Dora, é, tambem, brasileira...

Isto porque quando o brilhante semanario carioca, o "Fon-Fon", instituiu um concurso para saber quaes os maiores brasileiros vivos, no qual alcancei optima collocação, houve uma duvida quanto a minha nacionalidade.

O meu nome, já com grande votação, foi retirado da lista e só collocado novamente quando apresentei provas.

— Qual a sua impressão a respeito da platéa de Recife?

— Já não é a primeira vez, como sabe, que tenho o prazer de visitar esta linda e deliciosa cidade.

Destá, como da vez anterior, somente gentilezas hei recebido da fina e culta gente que frequenta os theatros, gentilezas essas que me fazem, quando ausente, lembrar com saudade os dias agradaveis aqui passados.

Deus queira que os pernambucanos não se esqueçam de mim, jamais.

Prometto pagar na mesma moeda...

E para terminar a palestra que havíamos solicitado, indagámos, ainda de Carmem Dora quando realizaria o seu festival artistico, respondendo-nos ella:

— Creio que será no proximo dia 5. Escolhi a "Mazurka Azul", que é, ao meu ver, uma das melhores peças do nosso repertorio.

Despedimo-nos dizendo a Carmem Dora que "Rua Nova" ia prevenir a todos os seus entusiastas, afim de que nenhum delles deixasse de comparecer á excellente noitada que ella lhes vai offerter...

Recordação

(Notas de uma viagem banal)

Domingo — Oh! a monotonia de viajar!... O azul do mar, o azul do céu, e entre o céu e o mar, o tédio que não tem fim... E esta gente toda que se move a bordo — que gente enfadonha e triste!

Segunda-feira — Viajar não é tão desagradável como parece. Evidentemente, é monótono. Mas tem seus encantos. Entre o azul do mar e o azul do céu, há às vezes coisas bem interessantes. E esta gente que se agita a bordo, nem sempre é enfadonha e triste... Aquella moça dos olhos negros, por exemplo...

Terça-feira — Ha creaturas que conduzem pela vida um destino feliz, um destino que a gente lê nos olhos. Aquella moça dos olhos negros trouxe para a vida um destino desses — o destino de ser linda.

Quarta-feira — Que fina e espiritual belleza! Tem uma cabeça impressionante de criança boa. Os cabellos cortados, os olhos doces, a bocca em zig-zag, a sorrir... E' uma linda cabeça de creança boa.

Quinta-feira — Além de ser linda, é intelligente. Um espirito chelo de vivacidade, que encanta. Mas a bocca — só agora reparei melhor — não é de creança... E' uma bocca de amor, que escorre beijos... E os olhos chelos de bondade, e os cabellos cortados... Não, não é creança... E' um sonho — um sonho de amor!

Sexta-feira — Conversamos ligeiramente. Ella tem um espirito agil e vivaz. E sabe pôr nas phrases que diz, uma ironia subtil.

—Sabe que tem muito espirito?

—Oh! e como não o ter junto da graça que tudo transforma e illumina?!

—Mas, vae fazer o favor de não dizer galanteios.

—Seria importuno.

—Não, mais seria banal.

Sabbado — O navio joga mansamente. No "deck" surgem viajantes sorridentes e banaes. Ella vem para mim com o melhor dos seus sorrisos. Um sorriso novo, que eu ainda não tinha visto... Ah! aquelle sorriso... e aquelles olhos...

Conversamos.

—Nas viagens banaes só ha um prazer verdadeiramente agradável—é o de conhecer creaturas singulares.

—Acha?

—E' o melhor prazer.

—Mas eu já o conhecia...

—Do Rio?

—Não sei de onde... Mas já o conhecia...

—Eu tambem... Já a conhecia ha muito tempo! Estava esperando apenas uma apresentação...

—Com que então?!

—Ha creaturas que a gente conhece antes de encontrar... antes de vêr. Conhece e ama...

—Ama?!

—Sim... Eu já a amava antes de a conhecer... Eu estava, na vida, esperando o seu amor...

—O meu amor!...

Domingo — Oh! a delicia de viajar! O azul do mar, o azul do céu, e entre o céu e o mar, como um sorriso claro da Felicidade, a esperança de um grande amor...

Peregrino Junior.

(Do Jardim da Melancolia).

NO MUNDO DA TELA



Ernest Torrence, o admiravel cynico da "Paramount Pictures".

Centro da Boa Imprensa

FUNDADO EM 1910

Reconhecido de utilidade publica pelo decreto 4.374, de de Novembro de 1921.

PETROPOLIS, Est. do Rio de Janeiro — CAIXA POSTAL, 4

Endereço Telegraphico — BOA PRENSA

RELAÇÃO DOS PREMIOS DA TÓMBOLA DO "CENTRO DA BÓA IMPRENSA"

CAIXA POSTAL, 4 — PETROPOLIS — ESTADO DO RIO

- 1.º—Viagem á Europa, ida e volta, com passagem de 1.ª classe, entre qualquer porto do Brasil e Bordeaux, e mais 50.000 francos para as outras despesas.
- 2.º—Excelente automovel, modelo DOUBLE-PHAETON.
- 3.º—Uma apolice de seguro de vida, valida pelo praso de tres annos, no valor de 20:000\$000.
- 4.º—Esplendido harmonium, para capella ou pequena egreja.
- 5.º—Optimo relógio de ouro, da afamada marca PATECK PHILIPPE, para homem.
- 6.º—Moderno apparelho de RADIO-TELEPHONIA.
- 7.º—Harmoniosa vitrola, do fabricante VICTOR.
- 8.º—Uma imagem de Santa Teresinha do Menino Jesus, com a altura de 80 cmts., offerta da CASA SUCENA.
- 9.º—Caderneta do "Banco do Districto Federal, com o deposito inicial de 500\$000
- 10.º—Espindida machina de escrever REMINGTON do typo portatil mais recente.
- 11.º—Luxuoso relógio "Carrilhão", de conceituada marca.
- 12.º—Lindo apparelho de metal branco, para toilette.
- 13.º—Vistosa machina de costura, de pé, completa, do fabricante SINGER.
- 14.º—Artístico "pedantif", montado sobre platina e ouro.
- 15.º—Interessante apparelho de cinema, para creanças.
- 16.º—Excelente machina photographica, de camera, com seis caixilhos, do formato 0,10x0,15.
- 17.º—Um arado completo, do typo mais aperfeiçoado.
- 18.º—Bibliotheca afferecida pla LIVRARIA CATHOLICA, do Rio de Janeiro.
- 19.º—Uma bibliotheca offerecida pela administração das "VOZES DE PETROPOLIS.
- 20.º—Uma caixa do grande depurativo do sangue "ELIXIR DE NOGUEIRA" offerecida pela firma VIUVA SILVEIRA & FILHO.
- 21.º—Uma caixa do poderoso reconstituente VINHO CREOSOTADO, offerecida pela firma VIUVA SILVEIRA & FILHO.
- 22.º—Elegante bicycleta para menino, ultimo modelo.
- 23.º—Artístico quadro (pastel), de Santa Teresinha do Menino Jesus.
- 24.º—Pratica e utilissima caixa de costura, completa.

E MAIS MIL PREMIOS DE OPTIMA ESCOLHA, entre os quaes dez assignaturas da excellente revista "VOZES DE PETROPOLIS": uma escarradeira HYGEE e duas duzias de limpa-metal REX, offerecidos pela firma J. GOU-LART MACHADO & CIA.; e cinco pares de calçado POLAR, offerta da firma ALVADIA & CIA.

Preço do bilhete: 1\$000 — A' venda nesta redacção.

PELOS DESPORTOS

Liga Pernambucana dos Desportos Terrestres

OS JOGOS DE DOMINGO

Animadíssima foi a tarde sportiva de domingo no campo "Nautico" com o embate de foot-ball das turmas do Santa Cruz e Flamengo que, com acção assás apreciavel, fecharam o 1.º turno do campeonato da Liga.

No jogo principal, que foi movimentadissimo, o Flamengo conseguíu sobrejugar em pontos o seu valoroso adversario que, entretanto, sustentou a sua fama numa linha admiravel.

A assistencia foi numerosissima.

Primeiros teams — "Flamengo", 3. "Santa Cruz", 2.

Sob as ordens do dr. Cicero Brasileiro, arbitro, inicia-se o match ás 15 horas e 55 minutos com a sahida do "Santa Cruz". Há investidas reciprocas. Os contendores estão em perfeita ordem: jogam com enthusiasmo. Aos 8 minutos há um avanço rapido da linha de frente tricolor; Santos aproveita um optimo tiro mandado a goal, fazendo resvalar a pelota que entra no posto entregue a Gondim. O "Flamengo" não desanima e com mais alguns minutos empata a peleja por intermedio de Bruner que alcança a bola depois de fraca rebatida do guardião tricolor. Com phases interessantes, deixando ás vezes a assistencia electrificada, termina o 1.º meio tempo com 1 ponto para cada team.

O 2.º half-time recomeça mais animado, notando-se o esforço de cada turma em desempatar o prelio, cabendo a Alonso a conquista do 2.º ponto para o alvi-rubro, quando de uma confusão fronteira á meta dos tricolores.

O "Santa Cruz" reage e por varias vezes leva a esphera á barra bicolor, cujo trio final é chamado a intervir com frequencia, annullando os multiplos ataques da esforcada linha dianteira inimiga. O tempo escôa-se e a tabella continua com 1 ponto a mais para os do "Flamengo".

De uma feita os cinco dianteiros da camisa tricolor avançam, fazendo o meia esquerda um goal que empatou a partida: Alivio para a torcida do club da rua da Aurora. Bola ao centro e sahida do "Flamengo" que, faltando apenas 1 minuto para o termino do match, marca o 3.º ponto por meio de Bernardo, garantindo-lhe a victoria.

O dr. Cicero Brasileiro, conhecido o mais justo e energico referee da nossa capital, deixou de punir faltas maximas de jogadores de ambos os teams.

A lucta preliminar da tarde agradou igualmente aos apreciadores do jogo bretão, que viram nos onze secundarios do "Santa Cruz" uma esquadra cohesa e bem treinada.

Actuou o encontro, que foi favoravel ao "Santa Cruz" por 1x0, o sr. Arthur Danzi que esteve a contento.

Pela manhã jogaram os terceiros teams, que tiveram um empate de 2x2, sendo juiz o sr. Luiz Gayoso.

CLASSIFICAÇÃO DOS FILLADOS

Primeiros teams — "Nautico", 7; "Torre", 5; "Flamengo", 4; "Santa Cruz", 2 e "Centro Sportivo", 0.

Faltam 20 minutos do jogo

"Santa Cruz" e "Centro Sportivo".

Segundos teams — "Torre", 8; "Santa Cruz", 6; "Flamengo", 4; "Centro Sportivo", 2 e "Nautico", 0.

Terceiros teams — "Torre", 7; "Nautico", 6; "Santa Cruz", 4; "Flamengo", 1 e "Centro Sportivo", 0.

NA APEA

Constituiu uma verdadeira decepção para os que estão habituados a assistir aos matchs desenrolados no grammado do campo do "Sport" a nota official da associação dissidente, declarando não poder effectuar-se o encontro esperado entre o "America" e "Isrealita", pelo simples facto de ter o ultimo desses clubs alguns dos seus elementos doentes.

Resalta desse comunicado a má organização existente entre os fillados da "Apea", pois, é incrível que um club organizado não tenha reserva para taes casos.

Um accordo, no momento, não resolveria tal situação?

PELOS ARRAIAES DA L. P. D. T.

Assumiram as funcções de presidente, vice-presidente 1.º e 2.º secretarios da Liga, os srs. dr. Carlos Rios, Alberto Colares, Abdias Cabral de Moura e Dirceu Campello, respectivamente.

O dr. Cicero Mello, presidente effectivo da L. P. D. T., que seguiu segunda-feira para o Rio de Janeiro, levou o encargo de inscrever a mesma Liga no Campeonato Brasileiro de Foot-ball.

OS JOGOS DE AMANHÃ

Segundo deliberação da comissão técnica da Liga, teremos amanhã 2 jogos: — os 20 minutos restantes do encontro entre o "Santa Cruz" e "Centro Sportivo" do qual resultou um empate de 0x0 e training do scratch a figurar na competição nacional deste anno.

A 1.ª prova ferir-se-á a tarde, sendo actuada pelo sr. Alonso de Souza.

Pela manhã effectua-se o training do scratch pernambucano, para o qual foram escalados os seguintes jogadores: Antonio Valença, Pedro de Sá, Cleside Sodrê, Heleno Castellar, Francisco Altino, Tancredo Ma-

cedo, Sebastião de França, Waldemar de Góes, Roberto Coutinho, Euclides Marques, Oswaldo Guimarães, Roberto Guimarães, Bartho Romeu Teixeira, Pericles Caldas, Polycarpo de Freitas, Fernando Wanderley, Americo Danzi, Aluizio Vieira, Hermes Amorim, Agnello Falcão, Alonso R. de Souza, Adamastor Guimarães, Urbano Gondim, Mario Rosas, Pedro Barreto, Isnar Mello, Abelardo Parente, Arnaldo Lobo, Arnaldo Costa e Doria.

Servirá de juiz o sr. Alcindo Wanderley (Pitota).

AS REGATAS DE AMANHÃ

Na bacia do Capibaribe, ef-

fectuam-se, amanhã, as regatas patrocinadas pela "Liga Pernambucana dos Desportos Nauticos", pronunciando-se, as mesmas de muito brilhantismo e entusiasmo.

Aos diversos pareos concorrerão os filiados "Sport Club do Recife", "Club Sportivo Almirante Barroso" e "Club Nautico Capibaribe". O "Santa Cruz Foot-ball Club" não tomará parte, por se achar licenciado.

Sabemos que voltarão ao seio da Liga, por estes dias os antigos filiados "America Foot-ball Club" e "Equador Foot-ball Club".

Faz annos hoje a gentil senhorinha Dulce Fernandes, filha querida do estimavel cavalheiro sr. J. Fernandes Martins, conhecido proprietario nesta Capital e d. Elvira A. Martins, e noiva do estimado commerciante desta praça, sr. Augusto Ferreira Rodrigues.

Parabens.



Realizou-se no dia 19 do mez corrente, o enlace matrimonial do distincto moço, sr. Cyro Portella, filho do coronel Hermenegindo Portella, despachante da Alfandega, e de d. Josepha Portella, com a prendada senhorita Branca Villarim, filha do sr. José Villarim de Oliveira e de d. Sylvia Villarim de Oliveira.

Os recém-casados, que pertencem á melhor sociedade reiffense, tem recebido innumeros cumprimentos e felicitações, aos quaes Rua Nova junta os seus parabens effusivos e sinceros.



Há dias enfermo, falleceu domingo ultimo, na sua residencia á rua Conde da Boa Vista, o il-

lustre dr. Henrique Eugenio Antunes, conceituado despachante aduaneiro e cavalheiro de sociedade.

O estimado morto, foi por muitos annos, presidente do "Club Internacional" e gosava de grande conceito nas rodas de fina convivencia, ás quaes o seu passamento consternou e suprehendeu.

O dr. Henrique Antunes contava 56 annos de idade, era casado com a exma. sra. d. Anna Figueirôa de Oliveira Antunes, e deixa tres filhos: o dr. Eugenio Antunes, o sr. Genaro Antunes e a senhorita Guiomar Antunes.

O seu enterramento teve lugar no dia seguinte, no Cemiterio de Santo Amaro, tendo o exmo. sr. dr. governador do Estado se feito representar.

A familia enlutada, Rua Nova envia a expressão mais sincera do seu pesar.



YPIRANGA SPORT CLUB

Do Ypiranga Sport Club, que tem a sua séde no municipio de Bezerros, recebemos uma attenciosa circular, na qual o sr. Eu-

rico Queiroz, 2.º secretario do referido club, nos faz sciencia do empossamento das novas directorias de honra e effectiva, no periodo lectivo de março deste anno a março de 1927.



ALMOÇO

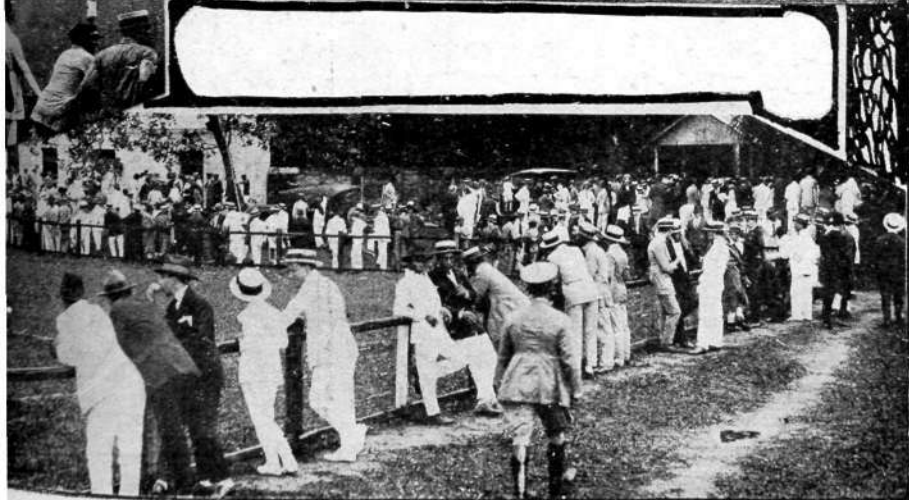
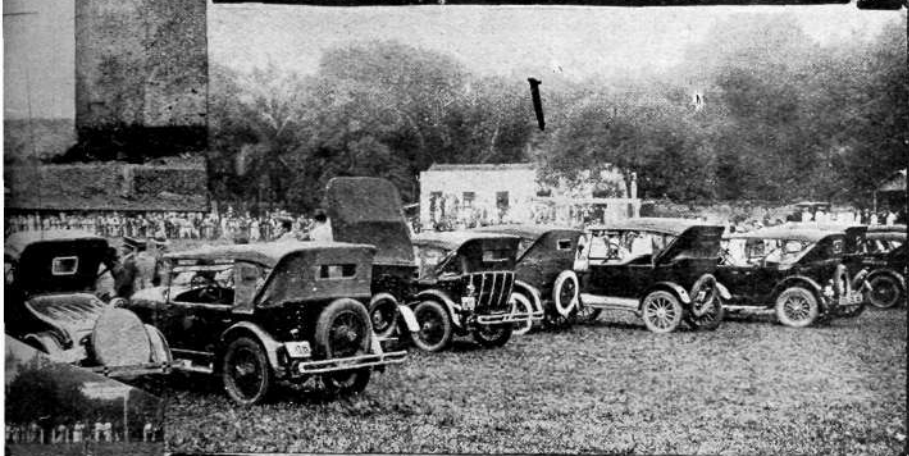
Amigos e confrades do nosso director, Oswaldo Santiago, offerecem-lhe, dentro de breve dias, no "Restaurant Manoel Leite", um almoço em regos'jo pelo seu regresso da metropole brasileira.

A lista de adhesões, que já conta com as assignaturas de Iustan Miranda, Austro Costa, Joaquim Inojosa, José Fustachio, Adalberto Cavalcanti, Arnibal Portella, Stenio de Sá, Carlos Rios, Oscar Crespo, Anteogenes Cordeiro, Nelson Ferreira, Abdias Cabral de Moura, Gilliat Schetini, Carlos Pedrosa, Radagazio de Faria, Manoel Markman, Teopompo Moreira, Waldir Portella e Altamiro Cunha, encontra-se em poder do poeta Austro Costa e do dr. Iustan Miranda.



1 — Portão do campo official da L. P. D. T.
2, 3 e 4 — Diversos aspectos do match de domingo, entre o "Santa Cruz" e o "Flamengo"

LIGA PERNAMBUCANA
DOS DESPORTOS
TERRESTRES



MARIA RITA

Noivado

Para Oswaldo Santiago, uma eficiencia intellectual da geração dos novos.

Do "PÓ"

Maria Rita é uma morena
Cheia de "não me toques" e "me deixes"
Que usa sandalias de velludo
Com umas contas imitando a ouro...
Tem olhos de azeviche e quadris de touro
Eu até gostava de Maria Rita
Embora assim
Cheia de "não me toques" e me "deixes"
Com as suas sandalias de velludo,
Com umas contas imitando a ouro.
Com seus olhos de azeviche e seus quadris de touro.

Um dia appareceu um sonhador
Meio tragico e bem romantico
Dizendo para Maria Rita
Uns versos cabulosos
Mais ou menos assim:
"Meu coração padece de amor
Vem a janella oh! flor..."
E... pum! foi a conta... tomou-me Maria Rita
Com as suas sandalias de velludo
Com umas contas imitando a ouro
Com seus olhos de azeviche e seus quadris de touro.

Hoje, embora eu tenha lembrança
Da Maria Rita
Com as suas sandalias de velludo
Com umas contas imitando a ouro
Com seus olhos de azeviche e seus quadris de touro...
Hoje?... Quer saber da verdade?
Eu gosto tanto da tal Maria Rita
Cheia de "não me toques" e me "deixes"
Como da primeira camisa que vesti...

JOSE' LUIS DE OLIVEIRA.

Recife, terra de civilisação e de progresso!
Cultuam-se as lettras, abrem-se avenidas,
edificam-se palacetes!
—Dizem todos, em sorrisos alacres!
Decantada Veneza, sublime Mauricéa!
Vae-se ao cinema.
Senta-se n'uma das filas, começa a projecção do film, perspegam-se os olhares na tela.
Tudo está silencioso e harmonico.
Uma voz de mulher ou de homem, fere-nos os ouvidos.
—O cavalheiro dá licença?—
Levanta-se o habitué, interrompem-lhe a mansjetude do prazer,

Estão noivos Joaquim Inojosa e Mocinha Pessôa de Queiroz.

Joaquim Inojosa, nosso querido e brilhante collaborador, é um desses moços em quem a dignidade e o talento se glorificam.

Mocinha Pessôa de Queiroz, fino elemento do escol pernambucano, é uma creatura encantadora e cheia de bondade, toda bondade e encanto.

Ambos se merecem, um ao outro.

Joaquim Inojosa, mercê das qualidades que o distinguem, conquistou, em Recife, um logar de pronunciado destaque na sociedade e nas lettras e encontrou em Mocinha Pessôa de Queiroz, que pertence a uma das nosas melhores familias, a Fada que lhe vai transformar em flores o caminho espiritual da vida.

Parabens a Joaquim Inojosa.
Parabens a Mocinha Pessôa de Queiroz.

Senta-se novamente.
Outra creaturinha dengosa cheirando a violeta ou jasmim, nos surprehende:
—O cavalheiro dá licença? —
Ao terminâr a projecção, perdeu-se de assistir a tres quadros importantes do film.
Nas ruas ou nos cafés, blasona-se civilisação.
—Recife: Rio em miniatura —
Carambas!
Frequente-se os cinemas da metropole e que estylo, que elegancia de pragmatica.
Na "sala de espera", todos aguardam o momento de penetrarem no recinto.
Somos, porem, civilisados!..

Gato mal escondido...

"A Gazeta", de São Paulo, num artigo sobre architectura copia, escondendo intencionalmente a origem, um capítulo de um livro de Carlos Maul.

Alguem, escrevendo para a Gazeta, de S. Paulo, contra o estylo colonial e néo-colonial, não satisfeito com o que podia dizer a respeito da materia abriu o livro **A morte da emoção**, de Carlos Maul, publicado em 1915, e transcreveu, como coisa sua, largos trechos do capítulo **Architectura nacional**. Trata-se evidentemente de um facto intencional, pois num ou noutro passo das paginas copiadas ha mudança de palavras e interpolação de phrases para disfarçar o plagio.

Quem impingiu aos nossos pressados confrades paulistanos esse feio conto do vigário não teve habilidade bastante para apagar os vestigios da sua má acção. Fez como o gato que ao esconder-se com pressa deixou a cauda á vista...

Colloquemos os topicos do artigo da Gazeta ao lado do que se encontra nas paginas 53, 54, 55 e 56 da obra do citado escriptor patricio

Eis o que diz a Gazeta no seu numero de 3 do corrente:

"Os nossos architectos, ou são banaes ou são ridiculos e pretenciosos. Basta contemplar algumas" dessas vivendas transplantadas ao nosso tempo para se chegar a essa tristissima conclusão. Dever-se-ia, para a formação de um estylo propriamente brasileiro, primeiro estudar o caracter da nossa gente, o ambiente que nos circunda e os motivos" que, deveriam ornar as nossas moradias. "Quantas bases temos ao alcance da mão para formar o nosso estylo architectonico nacional" sem precisar desses emprestimos bolorentos do passado, éras mortas que nada significam para o nosso espirito hoje revoltado contra tudo quanto não seja nosso, genuinamente brasileiro?

Falta-nos porém, vontade e animo de artista e patriota pa-

ra "empenharmos no labor de crear o nosso estylo, buscando-o na fonte mais pura que nos está mostrando a toda a hora, como num incitamento perenne, a sua physionomia perfeita e risonha, com os seus traços mais nítidos: — a natureza. Nas arvores das nossas florestas encontraria um verdadeiro architecto motivos estupendos de decoração: uma folha argentea de imbaúba por exemplo, nas suas curvas suaves e multiplas, tem mais belleza do que a folha rustica do acanto; a samambaia, nas suas rendilhas verdeongas, vale por todos os arabescos das alhambras e as folhas multicolors dos tinhorões resplandeceriam mais que os peplos que adornaram as estatuas dos denses.

A salva florida da victoria regia foi talhada pela mão de um genio das aguas para, perpetuada no cimo de uma columna, ofertar aos céos muito altos, a coróla deslumbradora de sua flor divina; as rosaceas das capellas gothicas estão muito distanciadas das orchidéas e as cariatides de que tanto têm abusado os constructores, podiam bem ser substituidas pelos jaguares das nossas selvas, virgens e inhospitas, convenientemente estylizados em attitudes energicas ou tragicas de defesa ou de assalto.

..E' justo, é justissimo que tenhamos optimas estradas de ferro á semelhança dos paizes fortes, e que tenhamos, tambem como elles formidaveis couraçados ameaçadores.

Devemos porém, pensar um pouco em nós e deter o olhar e o pensamento nas nossas grandezas e nas nossas forças.

Tenhamos uma arte nossa, façamos o nosso estylo, mas sem o ridiculo supremo do "nosso estylo" literario

Depois, sim, deixemos que tudo se anniquile, que as nossas mattas desappareçam lambidas pelos incendios convictos de que ficaremos com a certeza de que as ruínas das nossas cidades falarão eternamente das bellezas remotas da nossa terra, recordando bravuras da nossa gente e do incomparavel triumpho das civilizações mortas."

Eis o que está no livro de Carlos Maul, (1925, edição Renascença Portuguesa, Porto — 228 pag.) ás paginas 53, 54, 55 e 56:

"Os nossos architectos ou são banaes, ou são ridiculos e pretenciosos.

Basta contemplar algumas das nossas avenidas. Ao lado de um palacete cheio de torriões e de columnas, numa miscellanea apavorante de estylos varios, salta, violento na brutalidade um predio quadrado, macisso, de paredes lisas com o frontispicio luzindo no brilho vulgar e ordinario dos azulejos floridos.

Mais adeante os nossos olhos se sentem angustiados pelo espectáculo irrisorio de uma casa de campo ou de prala engravada numa rua burgueza, sem sol e sem o esplendor das arvores em torno.

Essa ausencia de caracter na nossa architectura vem do descaço manifesto dos architectos pelo ambiente que os circunda, e da cegueira para os motivos que os incitam á criação de uma arte nossa, que no futuro possa dizer do nosso tempo e possa mostrar aos estranhos os encantamentos da nossa terra!

E no emtanto, quantas bases temos muito ao alcance de mão para formar o nosso estylo architectonico nacional.

Falta, porém, o brasileiro que, sentindo na alma pruridos de artista e de patriota,

tente empenhar-se no labor de crear o nosso estylo, buscando na fonte mais pura que nos está mostrando a toda a hora como num incitamento perenne a sua **physionomia** perfeita e risonha com os seus traços mais nítidos: a natureza.

Nas arvores das nossas florestas encontraria um verdadeiro architecto motivos estupendos.

Uma folha argentea de imbaúba, nas suas curvas suaves e multiplas tem mais belleza do que a folha rustica do acantho.

A samambaia, nas suas rendilhas verdeogas vale por todos os arabescos das alambras, e as folhas multicolores dos tinhorões resplandeceriam mais que os peplos que adornaram as estatuas dos deuses.

A salva florida da Victoria-Regia parece ter sido talhada pela mão de um genio das aguas para, perpetuada no cimo de uma columna, offerter aos céos muito altos a corolla deslumbradora de sua flor divina.

As rosaceas das capellas gothicas estão muito distanciadas das orchideas, e as carliatides de que tanto têm abusado os constructores, podiam bem ser substituidas pelos jaguares das nossas selvas virgens e inhospitas, convenientemente estylizados em attitudes energicas ou tragicas, de defesa ou de assalto.

E' justo que tenhamos optimas estradas de ferro á semelhança dos paizes fortes, e que tenhamos, tambem como elles formidaveis couraçados fumegantes.

Devemos, porém, pensar um pouco em nós e deter o olhar e o pensamento nas nossas grandezas e nas nossas forças.

Tenhamos uma arte nossa, façamos o nosso estylo.

Depois, sim, deixemos que tudo se aniquille que as nossas mattas desapareçam lambidas pelos incendios, convictos de que ficaremos com a certeza de que as ruinas das nossas cidades falarão eternamente das bellezas remotas da nossa terra recordando bravuras da nossa gente, e do incomparavel triumpho das nossas civilizações mortas."

ESQUECIMENTO

Especial para "Rua Nova"

*Para esquecer uma paixão violenta
não nos basta escutar, dia por dia,
como balsamo, ou vinho que atmenta,
difficeis phrâses de sabedoria.*

*Mas, quando a solidão nos atormenta
e o remorso do amor nos entedia,
uma palavra, entrecortada ou lenta,
revolve o antigo drama, que dormia.*

*O mar, que é enôrme, na desenvoltura
de ondas, sulfado de penões e remos,
menos commove, com marés e gritas,*

*que uma lagrima pura,
numa taça de angustia, em que bebemos
o pranto das tristezas infinitas.*

PRADO KELLY

Lições de moral e civismo

Já se acha á venda nas livrarias desta capital, ha dias, o novo livro didactico do sr. Mario Sette: "Lições de Instrucção Moral e Civica".

E' um trabalho dedicado aos alumnos do curso seriado, nos estabelecimentos secundarios brasileiros, e foi todo moldado no programma approved pelo Collegio Pedro II, do Rio de Janeiro, para o ensino da disciplina e respectivos exames finais.

Cada capitulo do livro do sr.

Mario Sette corresponde a um dos pontos do citado programma, de geito a tornar accessivel aos estudantes o acompanhar facilmente as prelações dos mestres, ficando com um transumpto dellas, num aproveitavel guia.

"Lições de Moral e Civismo" está escripto em linguagem simples, em periodos curtos, attendendo-se, pedagogicamente, á idade das creanças que estudam a materia no primeiro anno de madureza.

DE UMA BOCA...

FRISOS

—“Volto... Fui de amor em amor, inutilmente, a procura de alguém que tivesse os teus olhos, os teus sonhos, a tua alma... Bem amado, perdôa... Errei como mulher, e, amar, é perdoar, esquecer...”

Eis-me humilde e tua, meu senhor. Toma-me, venho de estradas dolorosas, conforta-me no teu seio. Soluça em meu ouvido a tortura da canção do teu desejo...

Sou tua. Vês? Tua... Podes tomar-me ou destruir-me com o amor ou a repulsa...

Mas... Embalde procuro nos teus olhos a doçura de outrora!...

Não ha mais em tua boca os desvarios do ciúme, as frases mordentes e alucinadas do teu divino egoísmo de Unico...

Já me não amas... Tens nos olhos o insulamento exul de quem vê o Ideal Já num caminho...

Fala á tua escrava, dize-lhe, ao menos, palavras ásperas, mas jála...

E o teu silencio... Parece que me não ouves, que me não sentes... Sinto apenas em ti a saudade d'alguem que não sou eu...

Fala... O teu silencio me angustia...

— Ah! Compreendo agora... nem sequer tu me despresas...”

M. DE A.

“O vaquêro”

Home simpres, ribusto, sem mandinga,
Arrepresenta, peio mundo intêro,
O heroe corredo la das catinga,
O cutaba do povo brasilêro.

Pru dentre o ramaiá das verde antiga,
In riba di'n refeito e bom campêro,
Fal seu traba'o pra num ficá pinga
E ninguem lhe chamá dz trapacêro.

E' um typo fié in toda artura,
Vêve uma vida in regra, cum coidado,
Uvido in tento, se rege sem trumura.

Palavra: tiro e queda, jamai torna,
Nem qui arrivire o mundo. Arrivirado
Dito num jica, reito num transtorna

EDESIO GUERRA

Mulher: a natureza que te deu o primor das formas, a pureza das linhas, negou-te o supremo dom da memoria...

Tu não te lembras do passado, jamais refletes no que se foi, em tudo que sepultaste voluntariamente nas sombras do Esquecimento. Escuta: eu tenho ainda sobre a mesa, seco e amaretecido, um punhado de violetas que me deste um dia. Lembras-te? Não, por certo. Lembrar seria fugir á meta traçada para o teu espirito.

Uma tarde, tarde de Inverno, dois dias depois do nosso afastamento, um tristonho rato de sol brincou enire as sucs petalas róxas, no aldo da pequenina jarra...

Desde então, nunca mais as violetas sorriram...

Morreram de scudades tuas, retratando, para mim, tua imagem fujitiva...

Sêcas, elas ainda guardam o perfume da tua pele morena, o esselinado das tuas mãos...

Quando, as vezes, pensando em ti, fizo-as, parece-me ver se desenharem nelas o teu rosto lindo e moreno com os teus grandes olhos negros...

O tempo tem corrido veloz, e o passado entre nós parece ter sido uma quimera, um sonho que o espirito não vê duas vezes...

Mas, eu tenho como certo, que se tu voltaesses a sorrir-me, se tuas mãos acariciassem novamente minha fronte enfeçrecida, as violetas haviam de florir outra vez...

E' por isso que o Destino te não detra pollar: para que se não quebre o segredo vital da natureza...

IGNACIO DE MELO

“O LABARO”

Recebemos o n. 35, anno 12, desse bem feito jornalinho, organ da “S. L. Joaquim Nabuco” do Collegio Americano Baptista que tem como directores os jovens intellectuaes A. Freyre, Edesio Guerra, João Dias e A. A. Muirhead. Esse numero insere uma farta colaboração em prosa e verso, da qual tiramos um interessante soneto “matuto” da autoria do poeta Edesio Guerra, sob o titulo o “Vaquêro”:

MADMOISELLE POLAIRE, A MULHER MAIS FEIA DO MUNDO

Triunpha novamente em Paris Mademoiselle Polaire. Ella é segundo a opinião de muita gente, a mulher mais feia do mundo.

Assim se tem annuciado a toda gente. Como a mais gorda mulher do mundo, a mulher barbada e identicos phenomenos. Differem no entanto estes phenomenos da senhorita Polaire em que, enquanto a mulher mais gorda do mundo, por exemplo, pesa 130 ou 140 kilos e não usa faixa, Polaire tem o corpo de vespa, embora seus pés tenham sido classificados enormes e seu rosto moeno de egypcia, segundo Willy, tenha a bocca e os olhos em linhas paralelas. E' feia.

Sem embargo, ha alguma cousa nella que nos atrahete. Seu rosto, que a simples vista, não é distincto, toma uma expressão muito eloquente, que reflexa maravilhosamente as emoções que deve interpretar, nos diversos personagens que encarna em sua vida de artista theatral.

Se deve fazer rir em uma comedia, seus rasgos physiomicos adquirem todo o relevo necessario para que o publico seja arrastado á mais expansiva hilaridade. Se representa um drama, sua cara toma um aspecto de dor e emoção tão intensos e verdadeiros, que os espectadores chegam a commover-se-se fundamentalmente.

Em todos os seus papeis theatraes está magistral e alcança ruidosos successos.

Nesta singular creatura realiza-se a verdade do dito: — "A cara é o espelho da alma". Si ha os que podem negar isso, vendo-a na vida privada, não

dirão o mesmo vendo-a em scena.

Mesmo a bondade dos seus sentimentos, a cultura de sua intelligencia, a distincção de sua arte, a embellezam sempre e a fazem irresistivelmente sympathica.

Ella sonhou em ser uma grande cantora e a vida a fez uma interprete de dramas e comedias. Quando era menina recorria a pittorescos arrabaldes de Paris atraz dos cantores de rua vendiam as letras de suas canções. Um dia, em frente a uma vitrina de guloseima, permaneceu indecisa muito tempo.

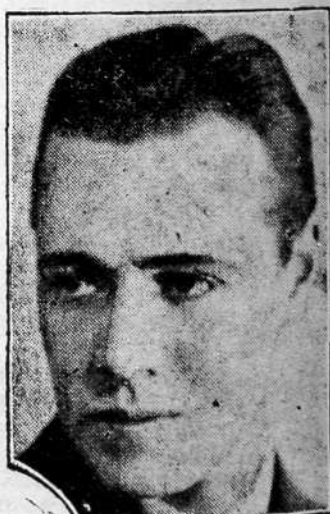
Tinha em seu poder uns poucos centimos e não sabia se empregal-os na aquisição de caramelos ou na de um papel que offereciam os componentes de uma *troupe* ambulante que havia uma hora rondava pelo bairro. Por fim, triumphou nella sua vocação de arte. Já com a canção em seu poder, correu até sua casinhola. Em frente de um pedaço de espelho cantou seriamente pela primeira vez. Ficou surprehendida da dramaticidade de seus gestos. E tambem de sua voz. Poucos dias mais tarde, gratuitamente, cantou no café de *La Cigale*, onde obteve um grande exito. O proprietario do estabelecimento a contractou em seguida. Logo, sua ascenção foi rapida. Muitos poetas e criticos se converteram em seus apologistas. Passou por varios "music-halls" até que chegou ao theatre, onde a gloria a tomou em seus braços.

Agora seus gestos e suas palavras suggerem todas as emoções.

—Ante o publico — declara ella — não tenho senão uma finalidade: agradar. Todo o effeito, toda a impressão que um comico ou uma comica tenham de suggerir aos espectadores, se obteem pelo sorriso ou pelas lagrimas que saibam arrancar a estes. Afinal isto é a vida.

A mulher mais feia do mundo? Não. A senhorinha Polaire não pode ser isso. Bellos são os seus olhos, a sua voz, a sua intelligencia. De muita belleza mais deve ser portadora a senhorita Polaire para que o publico de Paris a tenha entre suas favoritas. A "horrible mademoiselle" lhes disputa o primeiro logar de popularidade a todas, inclusive á "divina Rachel", a Rachel Meffer.

NO MUNDO DA TELA



LESLIE FENTON

Renomado artista da "Paramount Pictures", consagrado um dos astros cinematographicos.

CAVACOS...

Segunda-feira. 7 horas da manhã. Estrada dos Remedios, canto da rua Bemfica. Espero o bond da "Tramways". — moroso e sujo — que me condusa á cidade.

O carro demora. Olho para a direita. Na calçada, debaixo de uma frondosa castanhola, deparo com o "auri-verde pendão da minha terra", servindo de involucro a roupas sujas...

Um calafrio corre-me pelo corpo. Não sopito a minha revolta.

Approximo-me do conductor da trouxa. Fallo-lhe.

—Como conseguiu, você, esse pedaço sagrado de panno?

—Não é um pedaço. E' uma bandeira.

—Mas, você conduz a sua bandeira com muito carinho!...

—Eu não carrego. Quem carrega é o meu barco, que está no outro lado.

—Como e quando?

—Quando entro e saio do porto, colloco ella no mastro.

—Olhei para todos os lados.

Nenhuma auctoridade. Nem sequer um soldado. Tive desejos de conduzil-o á subdelegacia da Magdalena e entregal-o á actividade do Leonidas ou á argucia do agente 24. Mas... O homem me fitava com olhos de mau amigo.

Uma terrivel péixeira scintillava aos primeiros raios do sol, prompta ao primeiro signal. Recuei.

Passam novos bonds: Varzea, Magdalena, Torre, João Alfredo, Prado, Zumby.

Nova revolta me assalta. Bato á casa da esquina. Aparece-me o dr. Calloppe, que no momento tocava piano.

Dr., digo-lhe, tanto ou quanto revoltado chamei-o, apenas, para ser testemunha deste quadro triste e vergonhoso. E apontei, para o chão, a bandeira nacional servindo de involucro a uma porção de imundicies.

O embarcadiço ignorante ou atrevido, olhou-me de cima a baixo, e respeitando o meu gesto patriótico e ousado, respondeu-me com o silencio.

Vem outro bonde. Tomo-o. E faço a viagem pensando nos casos de honra que nos afectam no momento: a retirado do Brasil da Liga das Nações, e o augmento do subsidio dos senhores congressistas.

panha cerrada contra os chauffeurs que têm mandado para outra melhor, alguns habitantes desta terra prodigiosa, santificada por Deus e contaminada por Eva... ou Adão, como queiram os sexos.

A' primeira vista, na impressão da leitura pesada de columna aberta em titulo de 18, a gente fica mesmo com vontade de exterminar a raça conductora da morte. Depois, porém, vem a reflexão. Recife actual, não é o mesmo de 1911, servido por uns bondinhos a burro, e cheio de carroças puxadas a boi. Naquella época, naquelle bom tempo, effectivamente, não se registravam desastres. Depois, tudo mudou. A vassourinha varreu o burro, o boi, os mictorios de pé de parede, as ruas vielas, e trouxe, consequentemente o bonde electrico, os caminhões, os pavilhões hygienicos, as avenidas, o progresso, emfim.

Os aeroplanos appareceram sobre as nossas cabeças, o automovel encheu as ruas do Recife.

Entretanto os nossos costumes provincianos não desapareceram. A população não se adaptou, ainda, com o zig-zag constante do Ford; solta as crianças pelas ruas, e anda descuidada pela urbs. Porque, afinal de contas, o auto foi feito para correr, vencer distancia. Tome, o leitor, um auto para Boa Viagem e o chauffeur de meia marcha e o resultado facilmente se verá: uma seria reclamação.

Por isso, penso que não compete unicamente á policia uma acção repressora contra os desastres. E' necessario uma acção conjuncta da população.

Por exemplo: antes de atravessar uma rua, olhar para as extremidades, não andar lendo ruas á fora e ter mais medo de um auto do que o diabo da Cruz.

Quem leu a nota official da Associação Athletica Pernambucana, publicada nos jornaes de domingo, tem vontade de resar um Padre Nosso pela alma da cuja.

A confissão da sua decadencia, a morte da Apea, ali está bem caracterizada, não conseguindo disputar o jogo escalado na sua tabella, por se acharem doentes os jogadores do Israelita.

A não ser por uma peste — a hespanhola por exemplo — ou uma forte diarrhéa que pos-

sa ter atacado os 22 jogadores e respectivas reservas — não há outra justificativa.

O dilemma é este: ou falta de efficiencia ou calporismo de mais.

Em ambos os casos, serve de aviso aos disidentes da Liga para voltarem ao aprisco, quanto antes.

Continuar a affirmar a sua existencia é mentir á sua propria finalidade, uma vez que foi creada n'um momento de irreflexão para o desenvolvimento do foot-ball, e não para fazer litteratura...

Sómente agora começo a convencer-me de que sou um mau revisor, tanto assim, que deixei passar nos Cavacos de sabbado consuante. Talvez seja esta a razão que deu origem á minha promoção a noticiarista do *Jornal do Commercio*, onde apenas passei 8 dias como revisor, e a chefe da expedição e administrador da Repartição de Publicações Officiaes, onde tambem fui revisor um mez.

E eu a pensar que devia as minhas referidas promoções aos amigos drs. Salomão Figueira e Carlos Rios!...

A. C. M.

De vez em quando

Passaporte official. A festa do Centro Academico de Commercio. Um grupo; á parte. Aperto apertado de mãos, prologo de uma novella, talvez. Adeusinho...

O *Diário do Estado* me entregou um lindo passaporte para que eu comparecêsse á festa do Centro Academico de Commercio.

A principio eu gostava de todas as festas. Era uma especie de amigo certo, erd.º obg.º. Mas, hoje, o senhor "logar permanente" me cança os nervos. E estou farto de tolerar as suas côres. Amanhã, espero desafiar o "mau-senso" para uma luta brasileira de attitudes. O pelor não é ouvir o "logar permanente". Nem desgotar do "mau-senso". E' incensa-los ao dia que vêm em muitas mil letras.

Eis a vida de jornal, meus senhores e minhas senhoras. Aqui nos tropicos. Onde mourejar na imprensa é commandar um exercito de adjectivos formosos, disciplinados, madrugadores. Que não paga imposto nem metralha. E se ri dos "logares permanentes".

Mas a festa do Centro Academico de Commercio foi brilhantemente sonôra. Theatro Santa Isabel. Aos 19 dias do mez de junho de 1926 na cidade do Recife, capital do Estado de Pernambuco. Com a gatinha de todas as solemnidades mais ou menos serias. Rapariguinhas encarnadas. Empregados no Commercio. Estudantes que não estudam. Alguns rapazes da imprensa. Um plano desafinado iniciou a dança da

"camaradagem". Veio o jazz. Quando o jazz executou uma nota de tons modernos rasgou novos pensamentos. E os pares, unidos, unidinhos, rodopiaram mais descompassadamente, mais doidamente.

Acabou. Palmas. Os sons encheram os nossos ouvidos, segunda vez. E os pares, unidos, unidinhos, voaram pelo salão ainda mais descompassadamente, ainda mais doidamente, vo-luptuosamente... Mais palmas. Até as galerias se manifestaram. Unidos, unidinhos, dançaram exquisites, sonhos, pensando no futuro que nos espera. Um grupo, á parte. Um grupo moço de poetas que conversa e ri quentemente. Emquanto o "povo" dança o grupo conta historias litterarias do passado, do presente e do futuro.

Cinco poetas. Poetas que fazem versos. Versos bons, versos e prosa. Cinco "doidos". Não, quatro. Ha uma "doida". Que "não é doida porém communga a loucura". A' parte, o grupo (improvisado) fez uma noite que eu não esqueceréi. Que "uns olhos assim doidos" não esquecerão, certamente. O grupo, á parte, falou uma "salada" de motivos, ao correr das dansas. Ah si o grupo se reunisse todas as noites, em pensamentos. Não. Acabaria o romantismo de um poeta. Do "doido" que se ausentou antes de findar a "sessão". Eu sei que elle não se foi. Porque ao sahir deixou a sua admiração, num aperto apertado de mãos, prologo de uma novella, talvez. Adeusinho...

SOLON DE ALBUQUERQUE.

RETROSPECTO

Lá muito longe do bulício das grandes cidades; onde, ao morrer do sol, muge o gado saudosamente; onde o rio passa cantando na areia a sua interminável melopéa, existe cercado por magostas serras, como se fossem sentinelas avançadas de sua tranquillidade, o pequeno povoado de Foco-Cumprido.

No centro de sua única rua, muito larga e muito limpa, erguem-se radiantes de belleza grandes e seculares gamelleiras, cujas frondes ornadas pelas flores das parazitas, vão beijar os frontaes das casas.

Em frente á pequena capella, no pateo onde aos domingos réunem-se os matutos para a feira, fica situado o cruzeiro como para dizer aos viandantes que os habitantes do lugar seguem os ensinamentos do Bem, tendo por guia o sagrado madeiro do doce Rabbi da Galleá.

Nas noites em que a lua impera no firmamento e os seus raios retratam-se nas aguas do pequeno rio, sentimos nossa alma enlevada ouvindo do peito de um dos seus filhos doces cantigas ao som da viola, lamentos saudosos da serrana virgem dos seus sonhos...

Como uma visão cinematographica, vêm-me á mente a ultima noite de São João que all passei vivendo um pouco das tradições dos nossos bisavões.

A pequena rua toda iluminada pelos clarões das fogueiras, era constantemente rasgada pelas caudas luminosas das limas-lhas, enquanto nas quebradas das serras ecoava o ribombo dos bacanartes e das ronqueiras.

Das casas, entre o gargalhar das moças e gritos da criança, evoluam-se as toadas cantadas pelas formosas bregeiras, que um violão ou um harmonium acompanhava.

E quando os primeiros ramos

do sol douravam as nuvens da madrugada, uns procuravam ver a sombra do rosto nas aguas do rio, enquanto outros iam retirar do tronco da bananeira a fúca, ali collocada na vespera, em cuja lamina devia estar escripto um nome, que o coração já decorara.

O dia despontava e o vento

frio da manhã espalhava as cinzas das fogueiras e... as cinzas de muitas illuzões mortas...

Hoje, no bulício desta grande cidade, com que saudade recordo a ultima noite de São João no pequeno povoado de Foco-Cumprido.

Recife, Junho de 1926.

Antonio Marrocos.

NO MUNDO DA TELA

Hallam Cooley astro da "Paramount Pictures", ultimamente em evidencia.



HALLAM COOLEY

QUADRAS

No album da gentil senhorinha Antonia Coêlho de Araujo.

*Nestas paginas lão limpas
De muitas linhas repletas,
Devem deixar lindos versos
Os artistas, os poetas...*

*Mas eu que não sou poeta,
Que a minha sorte não quer,
Faço esta quadra ligeira,
De saudação a mulher.*

Recife Junho de 1926.

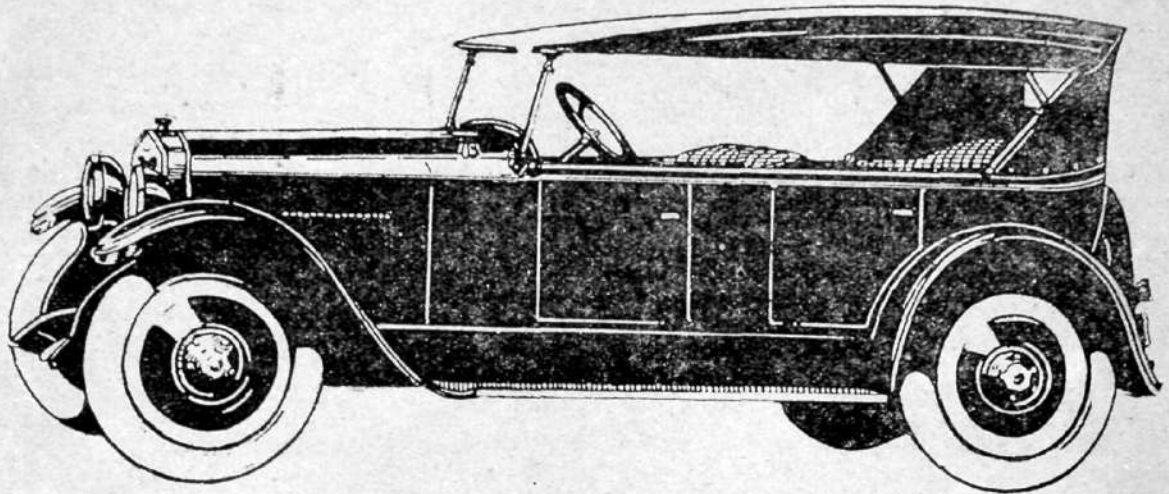
SOTERO DE SOUSA

CENTRO DA BOA IMPRENSA

Esse "Centro" que tem a sua séde em Petropolis, Estado do Rio de Janeiro, enviou-nos uma circular com a relação dos premios da tómbola que estabelece, em bilhetes de 1\$000, cujo producto é dedicado á fundação de um diário catholico, na metropole do paiz.

No presente numero desta revista, publicamos um annuncio elucidativo.

AJAX-SIX



O "Plus ultra" dos automoveis pelo preço !!!

Pintura "Duco" — freio nas 4 rodas — acabado em couros legitimo — limpador de parabrisa automatico — espelho retroscopico — uma roda sobressalente completa — ferramenta — tapetes, etc. etc

Preço : — Rs. 11:000\$000

Vendas a prestações

Companhia Commercial e Maritima

240 — Rua do Bom Jesus — RECIFE

De CHRYSANTHEME, a brilhante escriptora carioca, a Oswaldo Santiago:

CARTA ABERTA

Illustre collega, sr. Oswaldo Santiago.

Depois de ler o seu maravilhoso livro de versos "*Gritos do meu silencio*", permaneci longo tempo com a cabeça entre as mãos a pensar que V. disse poeticamente o que eu sinto mal e imprecisamente em prosa. V. é futurista, mas o seu futurismo, claro, comprehensivel, inçado de talento, apparece-me como luminosa alvorada num ceu renovado e limpo de velhas nuvens.

Não se pôde descrever mais perfeitamente do que V. o fez nesse seu livro, sentimentos, imagens, palpitações e devaneios.

"Em elogio da maldade" V. encontrou phrases tão limpidas, tão novas, para explicar o seu impulso invencível de ser bom diante da constante malvadez do proximo que, involuntariamente, a nossa alma se confrange vendo a inutilidade dessa virtude, aconselhada pela religião e desenvolvida pelo terrôr do alem.

"Eu desejei ser bom. E com o cantaro de barro cosido de minh'alma em floração, quiz dar para beber a todas as boccas rese-
quidas
a agua da Fonte do meu coração!

Eu desejei ser bom. E comecei a erguer um palacio todo marmore e neve. Levantei os andaimes das Nuvens e contractei, por serventes, pedreiros e operarios os astros desoccupados do Infinito, pagando nababescos e phantasticos saarios."

E eu desejo ser bom ainda! Sim. Desejo mais até agora, depois que andei por torvelinhos e perãos. Porque a Vida — verdade antiga — nada valeria para os bons se não fossem os Más!..."

Não conheço, actualmante, poesia mais linda, mais perfeita, mais impressionante do que esta, escripta em *elogio da maldade!*

Geralmente, a phantasia, a irrealidade, a rhetorica, sacrificam o sentimento e a emoção nos versos modernos, quer elles sejam passadistas ou futuristas. V. Oswaldo Santiago, sentio o que escreveu. Compreendeu o que rimou, e, apezar de novo, possui as duas pedras philosophaes da vida: o talento e a experiencia.

Graciosos, menos profundos. Os *Chrysanthemos*, tambem me deliciaram.

"Sob o luar de uma alvura de marfim, e ouvindo o rio soluçar nos remos, juntando as mãos, querida, promettemos que o nosso amor nunca teria fim..."

Quanta loucura. alli, ambos dissemos emquanto a olhar o idyllico festim — duendes de neve — a um canto do jardim, riam de nós, dois lindos chrysanthemos!

Annos passaram... calmas... temporaes... E desde aquella noite inesquecida, os chrysanthemos não sorriram mais!...

Em "*Gritos do meu silencio*" harpa melodoisa, em que echão todos os fremitos da alma humana, o amor não podia ser olvidado.

"Aquella cruz que se partio" em que V. o menciona, bem diversamente da maioria dos nossos poetas nacionaes, encantou-me sinceramente, pois, se eu o cantasse algum dia, seria imitando-o e evitando com cuidado a maneira mellosa com que, em geral, esse palpitar sempre complexo e, hoje, ambiguo, é feito pelos que manejam a lyra das sagradas rimas.

"Eu ouvia fallar no Amor — um sentimento maior que Deus, maior que o Ceu, maior que o Mar! — E acreditava, no meu pensamento,

que elle existisse, embora em toda a minha vida eu não o tivesse conseguido achar.

Mas um dia a minha fé no Amor fugio de mim

Vi que o Amor era embuste e era traição e era um sonho enganoso, phantastico e mendaz

Vi que o Amor era falso e interesseiro que era um Judas capaz de vender a si proprio por dinheiro!

E, então, a minha ingenua confiança reneguei não crendo mais no amor... desde o dia em que amei!"

Meu caro amigo, terminando estas linhas, que lhe levarão mal e insufficientemente a radiosidade da minha admiração pelo seu talento, rogo-lhe o favor de as transcrever no seu jornal, como uma demonstração cabal do meu encanto e uma minuscula prova do meu reconhecimento para com V, que me proporcionou horas tão deliciosas de fre-mencia intellectual e de communhão com o seu espirito de uma harmonia quasi divina. Creia muito sua admiradora a

CHRYSANTHEME

Página Feminina

Porque todas as vezes que os meus olhos te fitam, leio no teu semblante um quê de tristeza pelas cousas da vida?

—Dar-se-ha o caso de queres passar na terra como uma martyr, martyr dos seus proprios erros? Talvez...

Quando tu passas vaporosa e langue um cortejo de melancholia te acompanha...

Tens na tu'alma a tristeza fria de luar...

—As tuas mãos brancas e magras quando se apertam em contorções doridas lembram-me as mãos de uma freira quando canta em surdina o miserere...

—Casimiro de Abreu e Alvares de Azevedo desconsolados e tristes o que alcançaram com o seu sentimentalismo? — uma gloria, que o tempo riscou — um clarão que o vento apagou? Visitou-lhe alguma vez nas suas mansardas lugubres e tristes a aurora de um sorriso?

—E porque é essa tristeza?

—E's só no mundo orphão de pais, orphão de affecto?...

—A terra não é grande? não é bonito o céu, não é bonito o mar?

—Após um dia chuvisquento e frio, a natureza não se expande toda de belleza?

—E's só no mundo? Não tens diante de ti os vastos horisontes da vida? não tens Deus?!...

E rezas!... onde a tua crença a tua fé, meu pobre lyrio esfacellado?

E porque essa tristeza?...

Choras, porque és pobre? e o que lucras com as tuas lagrimas? — Nada! —

—Caminhas unicamente para a velhice que para a morte caminha —

"E se eu te disser que vi um homem que amava o seu unico filhinho, sorrir quando elle morreu, e que me disse:

"Creio em Deus! A vida nada vale, nem mesmo uma lagrima meu filhinho deixou-me para ser feliz... eu vou chorar a sua felicidade?..."

—E o que conclues de tudo

isto?

—Decerto dirás... é que elle era homem, tão máo tinha coração?...

—Enganas-te... é que elle sabia levar a vida... elle sabia illudir-se...

—Porque não te illudes tambem? pensa que és feliz e o terás por certo, porque "feliz é quem o julga ser".

—Achas o mundo ingrato, teu noivo (se o teus) infiel, tuas amigas más? — Viverás entediada de ti mesma... mas se do contrario nada ligares na vida, mesmo que o teu noivo te seja, infiel, acha-lo-as firme nas tuas amigas invejósas e mais não descobrirás defeitos, o mundo um paraizo de venturas — então o sorriso viverá a flor dos teus labios, a paz reinará na tua alma...

Illude-te... pois que a illusão é a maior felicidade que podemos encontrar na vida... desgraçado de quem a perder...

Quando os sinos cantam para quem chora

Viram-se pela primeira vez em uma festa. Uma atracção mysteriosa os impelliu um para o outro, mas a natureza desse sentimento intimo era diversa: nella, toda sentimental e sonhadora, desabrochou um affecto puro e nobre; nelle, uma curiosidade material e ligeira.

Uniram-se e o amor, abençoado pela natureza, deu-lhes um filhinho lindo e risonho.

Gilda resumia a sua felicidade naquelles dois amores tão grandes, que obscureciam todos os outros, mas, Mauricio, com a sua indole frivola e voluvel, já procurava em novos braços passatempo para o seu coração. Tornava-se monotono e triste aquelle lar onde nada lhe faltava, apesar da escassez dos recursos; a criança era linda, sem duvida, mas chorava, dava trabalho... Aquella paz, aquelle ambiente de amor enfatiaram-no...

Uma noite, Mauricio não voltou. Gilda esperou dois dias, presa da maior afflicção: por fim, uma vizinha contou-lhe tudo.

— Aquillo era um ingrato! Ha mezes que corteja a filha do Brown — uma delambida que anda de mão em mão. Agora, tinham partido juntos para o Oeste — iam a fazer fortuna...

O desespero de Gilda foi immenso, mas a sua resignação fel-a calar. Trabalhou duplamente e, como era digna e boa, conseguiu firmar-se no emprego e custear, melhor do que antes, as despesas da casa.

Os dias corriam céleres e ella, sempre fiel ao seu amor, ia crendo o filhinho, que agora contava sete annos. Os rapazes da redondeza cortejavam em volta daquella mulher sem protecção e alguns chegaram mesmo a offerrecer-lhe o nome. Gilda recusava as boas offeras, assim como as malevolias, dizendo: "Mas, se não tenho o coração livre."

Despeltados, uns riam-se, dizendo-lhe palavras duras, outros, porém, admiravam-na ainda mais pela sua constancia.

Assim corriam os dias...

Na noite de Natal, todas as

casas, sobres ou abastadas, da pequena cidade de X, estavam illuminadas; ninguem deixa de festejar o nascimento de Jesus nesse recanto christão. A casinha de Gilda, uma das mais miseraveis do bairro, mas, sem duvida, a mais limpa e arrumada, tambem tinha luz como as outras, porém ali não havia arvore nem brinquedos nem ceia — não podia haver resistencia para a alegria naquella cadeia onde um elo faltava.

O frio intenso, gelando as gotas de agua, transforma-as em frutos alvos nos galhos sem folhas. Nas estradas, a neve estendia-se como um manto de rei e o luar, prateando o que era branco, jogava em sombras escuras o contorno das arvores sobre o chão luminoso.

Gilda chegou afflicta á janella. E' que o pequeno John sahira para comprar pão e chá e ainda estava na rua. Por fim, elle appareceu correndo na curva do caminho e a mãe poude socegar. John vinha cansado, mas radiante! "Olha, mãezinha, trouxe-te um bôlo, e umas flores para o paezinho que está longe".

Dizendo isto, mostrou um bôlo todo enfeitado e umas lindas rosas.

— Mas, onde fôste buscar dinheiro para tudo isto, meu amor?

— Foi um senhor muito bom que diz ser nosso amigo, quem me deu as flores que já trazia, e comprou o bôlo.

— Um senhor?! Mas, se nós não temos amigos, nunca recebemos ninguem nesta casa, filhinho!

— Não sei, mãe, foi elle que disse. Depois, me beijou tanto! Mas, parece que soffre, mãe, elle chorava e me falou que perdera um filho como eu.

— Agora, comprehendo! Com certeza, foi em memoria do filho que nos fez essa caridade. Abençoado seja!... mas, não devias ter demorado tanto; já estava assustada!

O pequeno, esfregando as mãos de contente, foi buscar os pratos

e pôl-os á mesa sobre a toalha de algodãozinho alvissima. "As flores são para o paezinho, não é mamãe?"

A pobre rapariga beijou o filhinho e, abraçada a elle, foi collocar as rosas no vaso que estava sobre a mesa pequena. Em cima, pendurado na parede, via-se um retrato, já um tanto apagado pelo tempo e pelos beijos que aquelles dois entes esquecidos lhe davam. Era uma photographia do homem voluvel e insensivel que os abandonára.

— Vês, meu filho? parece que o paezinho nos sorri. Coitado! Quem sabe o que soffre?!

— Mas, mãezinha, onde está elle para soffrer?

— Muito longe, filhinho, muito longe... respondeu Gilda, com tristeza.

E os dois, unidos no mesmo abraço, e no mesmo pensamento, invocavam uma imagem. Na memoria da mãe, ella se reflectia clara como fôra, mas, na do pequenino John, era apenas uma cópia do retrato que alli estava, mas cercada por todas as virtudes que Gilda lhe ensinára a amar e a amar-lhe.

A porta abriu-se de mansinho e um homem, já com as fronte cobertas por cabellos grisalhos, esgueirou-se de leve, caminhou por trás do grupo formado por Gilda e John, envolvendo-os num grande abraço.

Ambos viraram-se assustados.

— Mauricio! murmurou Gilda, commovida.

— O senhor que perdeu um filhinho como eu! exclamou John.

— Perdi-o, mas acabo de encontrar-o para sempre, respondeu Mauricio, beijando os seus dois entes queridos, os unicos que o amavam religiosamente, mesmo esquecidos e abandonados...

Fôra, os sinos tocavam festivos pelo Natal de Jesus...

ENLEVO

As flores são as companheiras inseparáveis da nossa curta trajetória por esta existência de enganos e decepções.

Ellas nos acompanham desde o momento em que os nossos olhos se abrem pela primeira vez para contemplar o mundo que se nos mostra como uma risonha aurora iluminada pelo sol alegre e magestoso da infancia, depois vem a quadra feliz da mocidade que nos conduz, a passos largos, para o occaso da vida. — esta phase penosa que se assemelha a um firmamento nublado, ameaçando tempestade.

Na mocidade tudo são flores e na velhice também ha flores, porem murchas e sem o aroma que lhes é proprio.

Nas flores, como nos homens, se nota divergencia do destino, do orgulho e da humildade: os lyrios — symbolos de pureza — são procurados pelas virgens; outras, nascem humildes, ras-teiras, condemnadas a lambar o chão, mas ainda assim são felizes e embelezam os campos.

Outras, o Creador lhes deu o dom de crescerem, desenvolvem-se e, ellas orgulhosas, são como os homens de posição, que Deus houve por bem lhes conceder.

Umhas têm espinhos com que se defendem das profanas mãos do homem, ao passo que outras, entregues a humildade do berço commum, sem esse meio de defesa a natureza lhes concedeu.

Amo as flores, seja qual for a sua origem, porque vejo nellas o retrato da vida do homem.

As flores sempre lindas e perfumosas nos seguem, desde o berço, que se apresenta enfeitado, até o tumulo sempre ornado dellas, como que para consolar

as nossas maguas e enlutar as nossas lagrimas.

Amo as flores, porque delectam a vista e algumas têm espinhos, symbolizando o nosso soffrimento.

orgulhar-se de possuir as mais variegadas especies de flores. Dir-se-lha que o Senhor quando as creou, tomou a precaução de collocal-as aqui mais especialmente do que em qualquere outra parte do Universo.

Timbauba, 1926.

O nosso caro Brasil poderá

José Cassiano de Souza.

O Homem da Era Veloz

Homem de linhas de aço
como as dos radiadores de automoveis,
com olhos electricivos de lampadas, immoveis
sob os polidos para-brisas das lunetas —
seu pulso á um velocmetro,
ha "ignição" em seus nervos,
é um motor de explosão seu crance agudo...

Todo elle é impulso
breve e mudo.

Se ama, corre "eldorados"... regiões milagrosas,
sendas de ouro abraçando eminencias floaes,
atravessa voando alluviões de rosas
nos seus relampagos sensuaes.

Se lucta, galga peanhas de rudeza basaltica
alcantis de montanhas,
alto, sempre mais alto a correr, a correr,
com audacias de salto escalando asperezas
para vencer ou desaparecer.

Se soffre, vence o tédio e seus morons anfractos
em sua rapida febre
transpõe o areal da dor esqualido e sangrento
que ergue na ira do sol tentaculos de cactus.

Mas se sonha... se arroja a ignoradas estradas
võa alem-mundo affolito...
rompe selvas de soes e rocalhos de estrellas...

e de subito tomba e se engolpha na noite.

MURILLO ARAUJO.

(Inedito para "Rua Nova")

Recordação da partida

A alguém...

Lembro-me bem daquelle dia
Em que partiste, meu ideal!
No teu olhar eu bem que via
Alguma cousa de anormal!

O ultimo adeus que me dissêste
Quando apertaste a minha mão,
Foi uma setta que puzeste
No meu dorido coração!...

Pois contemplei no teu semblante
Tanta tristeza que nem sei...
Vi que partias vacillante,
E vacillante, então fiquei!...

Mas foste embora teu caminho,
E voltei eu, com o coração
A palpar, triste e sosinho,
Por tão atroz separação!

E o tempo em que passaste fora
Foi para mim de immensa dor!
Pois eu revia a cada hora
Uma saudade, oh meu amor!

E esta saudade indefinida
Me enchia de divagações,
Por ver quão dura é a partida
P'ra dois amantes corações!...

Soffreste tu porque partiste,
Padecei eu porque fiquei;
Triste te foste, — tambem triste,
Para meu lar eu regresssei

E uma só cousa me servia
Para me dar consolação:
E' que sem ver-te, ainda eu via
Dentro de mim teu coração!

...
Voz soli!

Ai do só porque não sente na vida
Uma atracção qualquer, qualquer um gosto
Que possa transformar-lhe o triste rosto
Num rosto de alegria indefinida!

Ai de quem faz do coração guarida
Para o tedio fatal, para o desgosto
Que nos traz a tristeza de um sol posto,
Prenuncio de uma noite aborrecida!

Para que serve a vida, assim tristonha,
Cheia de horror, e de melancolia
Como a vida brunal de uma cegonha?

A alma não sente a minima alegria,
Não palpita de amores e não sonha
Senão com a morte que ha de vir um dia!

16 de Junho de 1923

JONATHAS BRAGA

CARTA ABERTA A MILE, X..

Minha amiga:

A dor, o soffrimento, a má-gua e a tristeza trazem ao coração do homem cansado de supportal-os o desespero, a des-illuzão, a morte da esperança e o scepticismo. Quantas vezes não te falei da felicidade! Eu, que descreio de tudo, que não tenho fé; eu, que não creio na felicidade, no conforto do lar,

na doçura da vida, na bondade das gentes; eu, que sou despido de tudo isso, que tudo isso me falta, irremediavelmente e sem promessa, pois, até mesmo a esperança (no dizer dos entendidos — ultima flor que morre no jardim da vida —) minada de tantos desgostos, carcomida pela decepção, tenue como um filete de agua que desliza por um solo comburido pelas arden-

cias de um sol tropical termina por ser absorvido avidamente, soffregamente, sem deixar signal, assim, ella coitada, no meio desse grande Seara do desalento morreu, finou-se depois de uma lucta extinuante para vencer, de inanición, de insolação!... Hoje, arrependo-me de te ter mentido quando te falava de sonho, de gloria, de futuro e de aspiração! Arrependo-me, since-

ramente. Não é que, começando por illudir-me a mim proprio, terminel illudindo-te tambem? Tarde reconheço que cometti um grande crime fazendo-te acreditar no meu amor que nada por ti podia, que de si já era tão desgraçado! Liguei-te, dess' arte, por elle a mim que sou infeliz e torturado! De ti, que vias feliz e descuidada fiz, insensato, infeliz e atribulada. Para tamanha culpa não ha perdão; nem sou digno, nem mereço sequer. Por maior que se já a tua commiseração, por grande illimitada mesmo, que seja a tua bondade ainda é pouco para absolvição de tamanho erro. De joelhos peço-te compiacencia, porem não me creio digno de tua benignidade como c fui de teu amor!

Prometti-te um mundo de ccizas no mundo em que me acho mas que não posso realisar-o porque, consciente, me sinto fóra delle. Deveria eu prometter? Não. Nunca! Deveria sim, ter-te dito: foge de mim donzella timida, meu amor é como o charco que só gera baterias e miasmas; é como o lobo feroz que deita o terrôr e leva a destruição ao seio das ovelhinhas mansas; foge do meu amor, porque longe de te dar a felicidade arrebatá-la-á e destruirá o teu socego. Foge, foge emquanto é tempo virgem pudibunda, donzella casta. Não olhes para os meus olhos que são como a cobra que attrahe a doninha, não ouças a minha voz que é como a baba do reptil, ella te maculará”.

Era o que deveria ter-te dito mas não te disse, era o que deveria ter feito, mas não fiz. Reconheço a minha crueldade e arrependido confesso a **mea culpa**. E' mais um peso á minha desventura com aggravante para minha maior infelicidade. Fazer alguem feliz deve constituir, isso mesmo, uma felicidade! Está claro que eu... Mas, já será tarde? Talvez, não. Es-

cuta, não tenhas ralva de mim, peço-te e peço-te compaixão. Em meu amor a puridade de a sinceridade do teu coração. Em meu coração não acharias teu amor. A lama macularia o lirio. Olha, tem compaixão de mim que perdi a esperanza de ser feliz.

Sobre S. João

O mundo catholico consagra o mez de junho ao suave precursor do dueino Messias — S. João.

E, em sua homenagem, lhe celebram as mais ingenuas festas, empolgantes por sua commovedora simplicidade.

E' que fala a voz da tradição, da tradição que jamais morrerá, porque o homem, sobretudo o humilde, vê no catholicismo o balsamo ás suas dôres, o consolo ás suas afflições, a promessa de satisfacção ás suas esperanças.

E o catholicismo teve no precursor de Jesus um dos mais fortes baluartes — pela sua dedicacção natural, pelo seu exemplo edificante, pela sua fé profunda, ardentissima.

E' que já nascera predestinado, “abrindo a trilha de espinhos ao Mestre”.

Por isso a historia resa na sua vida a vida de um santo, que não apagará o tempo — destruidor incansavel de tristeza e alegria, defeitos e virtudes, palavras, accções, glorias, tudo.

Porque S. João soube amoldar-se e pautar-se pelos ensinamentos christãos, desprezando riqueza, prazer, vingança; cultuando a simplicidade e a fé; entregando-se aos mais amargos revezes praticando a verdadeira Religião.

Todos conhecemos a sua vida: baptisando Christo; entre os animaes; transformado em cordeiro de alvissima lã; produzindo constantes milagres.

Dahi a sua tradição continuar a perpassar os seculos e a gente modesta do sertão conservar ainda bem vivas as scenas de sua passagem sobre a terra, lembrando-as em todos os annos, através do crepitar das fogueiras; ou de agulhas que se unem a predizer acontecimentos; ou da oração que se balbucia atrás da porta, onde se permanece até a revelação do segredo; ou da flôr que se planta ao lado direito da figueira; ou da faca que se introduz á bananeira somente a retirando no dia seguinte, quando em sua lamina devem estar gravadas as iniciaes do futuro noivo ou noiva; ou de carvões que se aproximam ou se affastam dentro d'agua, affirmando ou mentindo aspirações; ou de dados que se atiram á mesa, ansiosos de uma boa sorte; ou da figura que se aclara ou escurece á superficie tranquilla da agua de uma bacia, annunciando ou não a morte naquelle anno; ou da prova de fé, atravessando, descalço, a fogueira ainda em brazas encarnadas; etc.; etc.

Tudo isso comprovando flagrantemente a ingenuidade caracteristica, a bondade propria e a convicção inabalavel que o povo sertanejo dedica a S. João, deixando antever nos traços do coração aquellas qualidades que lhe são innatas, alliadadas a uma hospitalidade encantadora, a um trato captivante.

Por isso mesmo é que no interior a poesia das noites chuvosas de S. João, ainda não perdeu a sua tocante singularidade, como succedeu ás capitães, onde o progresso continua destruindo os patrimonios de belleza e simplicidade que a tradição plantou para erguer, alto, o castello das modas e o templo dos vicios.

Solon de Albuquerque.

Junho de 1926.

Saboaria Parahybana

Seixas Irmãos & Cia.

Parahyba do Norte

A mais importante do paiz pela grande variedade e excellente qualidade de seus sabonetes e tambem pela sua enorme producção Os seus sabonetes são incontestavelmente os melhores, porque conservam authenticos, até o final, os perfumes nelles empregados E' a que produz maior variedade de sabonetes Perfumados e Medicinaes. Recommendamos ás exmas. familias as seguintes marcas de sabonetes perfumados:

FELIPE'A — O idéal para as pessoas de fino gosto. Sabonete de luxo, typo francez, aroma sem rival.

EPITACIO PESSOA — Perfume agradabilissimo.

BILLA — Perfume de Agua de Colonia, sabonete oval e de preço razoavel.

GENTLEMAN — Sabonete finissimo, de grande reputação.

SANDALO — Sabonete grande, redondo, perfume Lavander concentrado e muito aromatico.

ANGELITA — Perfume rosa, extra-fino, fabrico esmerado.

ORCHIDE'A — Delicioso sabonete, perfume Rainha das Flores.

SEIXAS — Perfume Flór do Brasil é um sabonete que se impoz pela sua optima qualidade, comparada ao seu diminuto preço.

SONHO DAS NYMPHAS — Reclame da Fabrica, perfume delicioso e permanente. Custo diminuto.

PRINCESS — E' um optimo sabonete, muito duravel, bem perfumado e a preço excessivamente commodo.

SANTAL — E' um sabonete de baixo preço; esta marca combaterá todas as semelhantes, devido ao seu agradavel aroma, muito concentrado,

prestando-se não só á mais fina "toilette", como tambem para a barba. O seu uso equivale a um seguro reclame.

SABÃO "JASPE" — em blocos de 150 grammas, consistente, economico e de superior qualidade.

TEMOS EM DEPOSITO OS SEGUINTE:
SABONETES MEDICINAES

Fabrico esmerado por habil chimico. Maximo escrupulo nas dosagens dos medicamentos. Preços excessivamente commodos.

Alcatrão	10 0/0
Alcatrão e enxofre	10 0/0
Alcatrão e Ichtyol	5 0/0
Enxofre	10 0/0
Ichtyol	1 0/0
Sublimado	1 0/0
Sublimado e ichtyol	1 0/0
Araroba	1 0/0
Araroba e ichtyol	1 0/0
Sublimado e resorcina	1 0/0
Phenicado	2 0/0
Lysol	4 0/0
Boricado	4 0/0
Sulphuroso	5 0/0
Sulphuroso e phenicado	6 0/0
Creolina	5 0/0

RECOMMENDAMOS:

SABÃO "PROTECTOR", hygienico, carbolico, optimo desinfectante, não prejudica a pelle.

PELLICA

Bois de Rose



ALTA MODA

EM

CALÇADOS

DE

SENHORAS

Livramento 53

PHONE 2568

V. Excia. encontrará em
lindos typos novos na

CASA EXCELSIOR